FUNDAÇÃO CULTURAL
CASSIANO RICARDO

Vô Voar: entre tropeços, afetos e a arte de seguir viagem

Por Bob Sousa[1]

Em Vô Voar, da Cia. Los Trancos e Barrancos, com direção de Esio Magalhães, a aventura de Batata e Panqueca, interpretados por Adriana Marques e Renato David Oliveira, transforma a escalada de uma montanha em uma experiência de descobertas, convivência e enfrentamento dos próprios limites. Incumbido de cumprir uma importante tarefa para o avô, Batata parte acompanhado de Panqueca, uma parceira pouco habilidosa, mas que guarda interesses próprios naquela travessia. A diferença de expectativas entre os personagens estabelece o motor dramatúrgico da encenação, fazendo dos desencontros e das dificuldades oportunidades para o exercício da parceria. A montanha, nesse percurso, ultrapassa sua dimensão geográfica e assume uma condição simbólica: é o território do desconhecido, da superação e da transformação que acontece durante a caminhada.

A palhaçaria constitui o principal dispositivo de construção da narrativa visual. Os corpos dos intérpretes são responsáveis por dar materialidade à aventura, transformando gestos, movimentos, desequilíbrios e situações imprevistas em acontecimentos cênicos. A comicidade nasce do contraste entre a determinação de Batata e a inabilidade de Panqueca, mas também da capacidade de ambos encontrarem soluções para os obstáculos. O jogo físico, a expressividade dos personagens e a relação direta com o público estabelecem uma dramaturgia na qual o corpo não apenas ilustra a ação, mas produz sentido. É nessa dimensão que a encenação encontra sua força, fazendo da fisicalidade uma linguagem capaz de comunicar ao público infantil sem subestimar sua inteligência e sua capacidade imaginativa.

[1] **Bob Sousa é fotógrafo, pesquisador e doutorando em Artes Cênicas no Instituto de Artes da Unesp (com orientação da Profª Drª Simone Carleto Fontes), onde também obteve o título de mestre em Artes (com orientação do Profº Drº Alexandre Mate). É jurado de Teatro da APCA – Associação Paulista de Críticos de Artes – e de Artes Visuais do Prêmio Arcanjo de Cultura. Autor do livro Retratos do teatro (Editora Unesp).**

A construção da visualidade articula cenário, figurinos e adereços de Letícia Regina, direção musical de Beto Quadros e iluminação de William Alves na criação de um universo que procura traduzir espacialmente a aventura. A montanha funciona como imagem central da encenação, um território imaginário que ganha dimensão a partir das ações dos personagens e da relação que estabelecem com os elementos cênicos. A paisagem não se limita à representação de um ambiente natural, mas se constrói também pela imaginação do espectador, convocado a completar visualmente aquilo que a cena sugere. A sonoridade amplia essa experiência, enquanto a iluminação participa da criação de atmosferas e da organização dos acontecimentos. A visualidade, portanto, resulta da combinação entre materialidade e imaginação, entre aquilo que efetivamente se apresenta no espaço e aquilo que os corpos conseguem fazer o público enxergar.

A enorme mochila de Batata, por exemplo, ultrapassa sua função utilitária de objeto de viagem para se tornar uma extensão cômica do personagem. Seu tamanho e sua presença na cena sugerem o peso da missão que ele carrega, estabelecendo uma relação entre a materialidade do objeto e a dimensão simbólica da jornada. O figurino, por sua vez, demonstra versatilidade ao se adaptar às diferentes situações e necessidades da aventura, acompanhando as transformações da ação e contribuindo para a dinâmica visual da encenação. Merecem destaque também os diversos objetos de cena, muito bem construídos, que revelam um cuidado artesanal na composição desse universo e ampliam as possibilidades de interação dos intérpretes com o espaço. Ao fundo, o painel com o céu azul estabelece uma referência visual de amplitude e horizonte, criando uma atmosfera de aventura e liberdade. A simplicidade dessa imagem funciona como contraponto à complexidade dos obstáculos enfrentados pelos personagens. Em conjunto, esses elementos demonstram como a materialidade cênica pode estimular a imaginação, transformando objetos cotidianos e soluções visuais em componentes ativos da dramaturgia.

A apresentação no Cine Santana, entretanto, trouxe um elemento que atravessou a experiência da dupla: os diversos problemas técnicos, que impuseram desafios adicionais à realização do espetáculo. As intercorrências exigiram de Adriana Marques e Renato David Oliveira capacidade de adaptação, improvisação e manutenção do jogo com a plateia. Para artistas que trabalham com a linguagem do palhaço, o imprevisto pode se transformar em matéria de criação. O acidente, o erro e a quebra de expectativa pertencem ao próprio vocabulário dessa linguagem. Ainda assim, é necessário distinguir o improviso como escolha artística das dificuldades provocadas por condições técnicas inadequadas. Nem todo obstáculo representa uma oportunidade criativa. O mérito da dupla esteve em administrar as adversidades e preservar, na medida do possível, a comunicação com o público, demonstrando que a presença do artista também se revela na maneira como enfrenta aquilo que escapa ao planejamento.

Por trás da aventura e de sua atmosfera cômica, existe uma camada de delicadeza que desloca o espetáculo para uma reflexão sobre a memória e a finitude. A missão de Batata, relacionada ao último desejo do avô, confere à escalada um significado que ultrapassa a conquista de um objetivo. A montanha torna-se também lugar de despedida, elaboração da ausência e continuidade dos afetos. A escolha da palhaçaria para abordar um tema dessa natureza é particularmente interessante, pois permite aproximar o público infantil de uma questão complexa sem recorrer ao sentimentalismo ou à explicação didática. O riso e a emoção passam a compartilhar o mesmo território, revelando que a experiência de crescer também envolve aprender a lidar com as perdas.

Na criação da Cia. Los Trancos e Barrancos, o percurso importa tanto quanto o destino. Batata e Panqueca descobrem, entre tropeços e tentativas, que a realização de uma tarefa não depende exclusivamente da determinação individual, mas da capacidade de reconhecer o outro e construir uma experiência compartilhada. Na apresentação do Cine Santana, essa ideia ganhou uma dimensão concreta diante dos desafios técnicos enfrentados pelos artistas. A própria realidade da apresentação colocou a dupla diante da

necessidade de reinventar o caminho. Vô Voar encontra, assim, uma imagem sensível para falar da existência: voar não significa necessariamente abandonar o chão, mas descobrir outras maneiras de atravessá-lo. E, às vezes, é justamente entre os trancos e barrancos que se aprende a continuar.